



F-014 Tópicos atuais de Física Aplicada IV  
Prof. Marco Aurelio Pinheiro Lima  
REFLEXÕES – AULA 2

**MÁRCIA SOUZA DE AGUIAR**  
RA. 074565

### **Sobre Perspectivas Ambientais**

A crise ambiental sistêmica associa causas e produz efeitos plurais que transcendem a dimensão ecológica em sentido estrito, produzindo relações que se originam e impactam a economia, a cultura, a sociedade e a política, atravessando níveis territoriais. Apresenta-se uma situação que demonstra um profundo desajuste social, econômico e ambiental que acaba por desenvolver uma série de correntes de pensamento que tentam compreender a extensão e a magnitude do processo de desequilíbrio sócio-ecológico-econômico e trazer um diagnóstico que pode ou não assegurar uma resposta adequada, porque conflituosa.

A ideia de crise ambiental e de sustentabilidades se vê em meio às propostas disputadas em termos discursivos por diferentes forças sociais quando a interpretação de cada uma requer determinada verdade apoiada por reconhecimento, legitimação social e poder. A produção discursiva cria modelos governativos onde se conformam Estado, política e conflitos sociais e ambientais com a liderança do mercado e da tecnologia, no sentido de um melhor crescimento econômico. Esses discursos se relacionam simultaneamente com outros discursos, com suas regras de formação, com as instituições sociais e o poder que elas emanam.

Como algumas ciências se apropriam do termo sustentabilidade e produzem seus efeitos?

A problemática da sustentabilidade em Ecologia segue do neomalthusianismo aos complexos socioecológicos, concebendo relações entre sociedade e natureza, capacidade adaptativa dos ecossistemas e entendimentos dos processos ecológicos.

Em Economia, Solow e a visão neoclássica não levaram em conta que a natureza não é apenas fonte de fluxo de recursos, é também um fundo de serviços que em uma produção industrial não são incorporados fisicamente aos produtos, e são insubstituíveis e necessários à sustentação da vida, entre outros serviços. As questões referentes à sustentabilidade ambiental no processo de desenvolvimento são de longo prazo e não podem ser analisadas apenas com base em valores monetários. Então, como tratar amigavelmente economia e ecologia dentro de um contexto de livre mercado? Ou seria mais viável “capitalizar” a natureza e tentar “ecologizar” as relações econômicas?

O dinamismo do sistema capitalista é capaz de se adaptar às mudanças impostas pela crise econômica e de escassez de recursos com novos estímulos à produtividade e à redução dos resíduos industriais. É um esforço elaborado de compreender que pode existir conciliação entre ecologia e mercado, mesmo não alocando nesse plano ideais abstratos como ética, participação política e justiça social. Daí a criação de um novo discurso da sustentabilidade como expressão e exercício de poder pressupondo um novo e viável futuro através dos atributos do desenvolvimento sustentável.

O conceito de sustentabilidade na Sociologia marca tendências que vão da teoria social à perspectiva ecológica, atreladas às complexidades das relações entre questão ambiental, sociedade e política. Esta última como meio de adequação entre o social e o ecológico, e o debate sobre os riscos envolvidos no processo de desajuste como consequência da sociedade industrial.

Na antropologia as ações humanas são estratégias adaptativas em que as configurações sociais se organizam a partir das determinações ambientais a que estão sujeitas. A sustentabilidade passaria por uma redefinição entre eventos humanos e não humanos contribuindo para a ecologia política.

Todas essas ciências estão envolvidas de alguma forma em arranjos conceituais que tentam, através de modelos discursivos, discutir e propor soluções à questão ambiental e à interação ser humano-natureza. Na análise das discursividades científicas há evidências de “politização”, “cientifização” e debate público. Acrescenta-se a isso, a constatação de que a globalidade dos impactos ambientais construídos na nossa civilização produziu danos sistemáticos e muitas vezes irreversíveis que forçaram uma nova definição de risco nos contextos sociais e políticos. Riscos que estão na dimensão da incerteza afirmando que agora somos nós próprios o perigo, e o progresso, a fonte de riscos, incertos e socialmente definidos de acordo com as relações de poder.

Então, como articular as diferentes visões? Como tornar unívoca a interpretação de sustentabilidade cuja dimensão seja em sentido universal e democrático?

Evoca-se uma ética ambiental e amplia-se, assim, o conceito de ética ao tentar compreender a forma como o homem lida com a natureza a partir das relações que mantém consigo e seus pares, a habilidade de entender e agir conscientemente em relação ao uso dos recursos naturais e consequentes impactos causados pela ação humana.

Também é possível que para se entender e apoiar mudanças legítimas na questão social e ambiental é preciso mudanças significativas nos valores, atitudes e comportamentos que devem ser reinterpretados e modificados para que o sentido de sustentabilidade seja aprofundado no ser humano e inserido nas instituições.

Conclui-se, portanto, que a medida das relações dos homens com a natureza estabelece o tipo de garantia de um futuro realmente sustentável.